

## **OBSERVAÇÕES A RESPEITO DE "O CULTO DE JUNG", DE RICHARD NOLL**

*Marco Heleno Barreto  
Fac. Filosofia / CES - BH*

**C**hega ao Brasil, em bem cuidadas edição e tradução pela Editora Ática, *O Culto de Jung*, do psicólogo norte-americano Richard Noll, trazendo em sua bagagem uma história de polêmicas, tentativas de proibição por parte da família e de discípulos zelosos de Carl Gustav Jung, bem como incômodo e mal estar entre os meios junguianos/junguianistas oficiais. A tese de Noll, resumida no sub-título dado a seu livro - "*origens de um movimento carismático*" -, consiste em identificar a psicologia analítica com uma doutrina esotérica ocultista disfarçada sob a capa de uma apresentação pretensamente científica, e em mostrar como a partir dessa doutrina (para) religiosa se desenvolveu um culto centrado na personalidade carismática de Jung. Compreende-se a indignação que *O culto de Jung* causa entre os "fiéis" junguianos, especialmente tendo-se em conta que o retrato de seu guru construído pela caustica pena de Noll não é dos mais edificantes...

Surpreende ao estudioso de Jung, suas idéias e desenvolvimentos posteriores ao alvoroço causado pelo polêmico livro de Richard Noll. Muito do que ele diz não deveria ser novidade para o leitor brasileiro. Já em 1989 a Summus Editorial publicava *Entre Vistas*, de James Hillman, ex-diretor de estudos do C.G. Jung Institut de Zurique (a Meca dos junguianos), psicólogo junguiano e pensador brilhante e polêmico. O livro, instigante "entrevista" com Hillman, traz várias análises críticas e contundentes

sobre o movimento junguiano, cujo teor pode ser comparado ao das análises realizadas por Noll. Tomemos um exemplo. A certa altura, a "entrevistadora" comenta:

*A escola junguiana deve ter uma grande dificuldade em lidar com você, na medida em que você é tão claramente junguiano em sua postura, no seu espírito, em seu grande envolvimento com a obra de Jung; e, ainda assim, você não é conceitualmente junguiano, um junguiano ao "pé-da-letra". Você não lida com Jung literalmente - e isto pode colocá-lo à margem da escola junguiana, já que as escolas requerem literalismo e crença.*

Hillman confirma:

*Não é assim que eu trabalho com idéias. Eu não "acredito" em Jung, ou em suas idéias. Suas idéias são valiosas porque são muito boas de se trabalhar com e contra elas. Boas idéias, como as de Jung, permitem um jogo mais amplo de pensamento.<sup>1</sup>*

E mais adiante ele complementa:

*...parece que os junguianos não se interessam por idéias. Muitos junguianos têm a sensação de ter todas as idéias de que precisam; Jung deu-lhes as idéias, tudo o que eles precisam é aplicá-las e trabalhar com elas. Estão satisfeitos. (...) Eles apenas vivem das idéias de Jung (ou Freud, tanto faz), sem acrescentar nem mesmo uma vírgula por si mesmos. Isto é uma traição gigantesca, uma desonestidade. Você deve pagar por aquilo que ganha de uma escola levando suas idéias adiante. Mas tudo com o que se preocupam é com as qualificações de treinamento - mantendo os outros afastados de sua "tribo". E é tudo calcado num pseudomisticismo da individuação e da totalidade.<sup>2</sup>*

Em outro ponto da "entrevista" Hillman confirma a força carismática que Richard Noll aponta em Jung, e confessa ter intencionalmente evitado ao máximo o contato mais pessoal com o "hierofante" de Noll, que lhe parecia "extraordinariamente opressivo", "um homem enorme, fisicamente, com pés imensos, e (...) superpoderoso", que "rearranjou os complexos de muita gente para que se voltassem em sua direção", por meio da "força que havia nele"; donde a necessidade (acrescentemos: arquetípica, inerente à individuação) de se "matar" Jung para encontrar-se a si mesmo, estampadas nas imagens oníricas de muitos junguianos.<sup>3</sup>

A conclusão é óbvia: o "culto de Jung", de fato existente, é paradoxal, na medida em que pretende ser o "caminho da salvação" (individuação) e ao mesmo tempo a impede. O próprio Jung, assim como o Zaratustra que ordena aos discípulos que o reneguem,

dizia que a "capacidade de imitar" era prejudicial à individuação<sup>4</sup>, reservando com exclusividade a logomarca "junguiano" para si próprio. Donde o paradoxo de ser "analista junguiano"...

Por isso, o livro de Richard Noll é valioso para a auto-análise (ou "exame de consciência"... ) dos junguianos, na medida em que põe à luz fatos que geraram o culto carismático a Jung, além de contribuir para a desmitificação (mais uma vez: arquetipicamente necessária à individuação) do "hierofante de Zurique", apresentando vários indícios que apontam para os aspectos sombrios, pouco nobres e "humanos, demasiado humanos" da personalidade e da vida de Jung. Afora algumas inferências apressadas, a destruição do ídolo realizada por Noll é sumamente salutar - ainda que amarga para os crentes junguianos, já que o processo de individuação, devido à sua natureza, encontra as mais obstinadas resistências, sendo mais fácil substituí-lo por uma idolatria ou *imitatio Jungi*.

Há, porém, dois problemas na construção de Noll. O primeiro, de menor relevância para o estudioso da psicologia analítica, é um evidente exagero na caracterização de Jung. Empenhado em expor as idiosincrasias e susceptibilidades de seu "hierofante", Noll termina por reduzi-lo a uma espécie de fanático ocultista, movido por uma descomunal ambição de poder, unicamente interessado em fundar uma seita religiosa elitista *völkisch* que revolucionaria a cultura e que, por fim, substituiria o cristianismo nos quadros da civilização ocidental. Devido às ênfases sobre certos traços de Jung, inferências arriscadas, e principalmente devido à opção de interpretação que adota em sua leitura, Noll não recupera historicamente uma figura humana complexa, turbulenta e controversa, mas cria uma caricatura, a partir da qual, *exclusivamente*, ele emite seu juízo sobre a natureza e o valor (melhor: desvalor) da psicologia analítica de Jung. A impressão - decepcionante para o leitor imparcial que acompanha a argumentação de Noll com boa vontade - é que gradualmente o autor vai se descontrolando, perdendo a objetividade, e termina incorrendo num sensacionalismo passional, estampado no tom sarcástico de certos sub-títulos de seus capítulos: "Jung reconhece o próprio carisma e vira profeta", "Jung se torna um deus", "Jung e George como reis da <<Alemanha Secreta>>". O personagem assim criado por Noll a partir do Jung histórico é um "hierofante", um "heresiarca", um "Cristo ariano", um "profeta exemplar", um "líder carismático" ocultista, fanático, mistificador deliberado, com fortes traços paranóides. O exagero salta aos olhos, e pode ser percebido na leitura de *O culto de Jung* mesmo pelo mais implacável crítico de Jung e sua psicologia, desde que se atenha à sobriedade - difícil

de ser mantida por quem tenha interesse pessoal em um assunto tão polêmico e apaixonante como é a história das dissidências na psicanálise.

Assim, tentando destruir a imagem mítica venerada de Jung que alimenta os fiéis junguianistas, Noll constrói na verdade um contra-mito e - aparentemente sem perceber - perde o homem histórico, além de recusar qualquer valor a sua psicologia (a não ser em sua contribuição à "cultura popular" e ao "pensamento religioso" de nosso século...<sup>5</sup> uma falsa concessão que mantém o juízo de desvalor emitido). Desta forma ele termina por reforçar às avessas o mito de Jung. Entenda-se bem: Noll não forja testemunhos, nem os falsifica. De fato, a atitude de Jung com relação ao "culto carismático" que se criou a sua volta parece ter sido ambígua. Por um lado, ele estimulava esse tipo de veneração e, segundo o testemunho isento de Jolande Jacobi, uma de suas mais destacadas colaboradoras, "ele mesmo se comportava como se sua psicologia fosse uma religião"<sup>6</sup>. Por outro lado, o próprio Jung, em seus escritos, nos fornece o instrumental para *analisar* psicologicamente o "culto de Jung". Noll sabe disso e menciona o fato - mas, sintomaticamente, em nota ao texto e optando por não dar-lhe maior relevância, já que isto o obrigaria a rever a identificação sumária que faz entre Jung/culto carismático junguianista/psicologia analítica, eixo de todo o seu livro<sup>7</sup>. É a supressão do aspecto crítico das idéias de Jung que permite a Noll construir seu contra-mito e identificar a psicologia analítica à teosofia, ao espiritismo, e enquadrá-la de modo forçado na família do esoterismo ocultista.

Aqui chegamos ao segundo e mais grave problema da tese defendida em *O culto de Jung*: a identificação indevida entre a psicologia analítica e o junguianismo. Já vimos anteriormente o pós-junguiano James Hillman criticar os fiéis de Jung, à maneira de Richard Noll, sem contudo desqualificar suas idéias ou identificá-las ao uso sectário junguianista. Aliás, mesmo sendo correta a impressão de Jolande Jacobi a respeito da relação "religiosa" do próprio Jung com sua psicologia, isso não basta para referendar a tese de Noll de que "sua teoria psicológica era essencialmente uma máscara, uma falsa doutrina científica para ocultar um novo movimento religioso que ensinava as pessoas a terem transe e visões e contatarem diretamente os <<deuses>>", e de que "o inimigo de Jung era a ortodoxia cristã, em especial a Igreja católica"<sup>8</sup>. Tentemos, pois, compreender as raízes da interpretação oferecida em *O culto de Jung*.

Adotando um enfoque histórico e sociológico, Noll começa fazendo um competente e valioso levantamento da atmosfera espiritual e cultural reinante na Europa da virada do século, esclarecendo e resgatando fontes negligenciadas do pensamento de Jung. Porém, ao

mostrar como essas fontes compõem na gestação da psicologia analítica em *Metamorfoses e símbolos da libido* e na experiência pessoal de Jung, subsequente à publicação daquela obra fundamental, Noll desconsidera a influência da formação psiquiátrica e psicanalítica de Jung, ignorando deliberadamente aquilo que talvez seja o núcleo de seu ensinamento e que depende justamente dessa formação: o caráter simbólico-metafórico das imagens do inconsciente. A compreensão que o próprio Jung teve de sua experiência e dos processos anímicos é omitida e substituída por um enfoque literalista, expressamente recusado por Jung (e inadvertidamente adotado por muitos "junguianos"... ). Perde-se com isso o elemento fundamental de sua perspectiva psicológica, e a partir de então torna-se fácil "mostrar" como a pseudo-psicologia forjada por um mistificador de má fé é na verdade uma espécie de teosofia disfarçada, que lança mão de métodos espíritas para contatar literalmente os mortos e os deuses<sup>9</sup>. O índice diferencial do "como se" é apagado e a psicologia de Jung, expressa freqüentemente numa linguagem metafórica quase barroca, é assim transformada em doutrina esotérica literalista. À caricatura humana construída por Noll corresponde a caricatura de uma falsa psicologia.

Escrito por um psicólogo, *O culto de Jung* restringe-se a uma abordagem histórica e sociológica e significativamente evita a discussão no plano psicológico do problema crucial subjacente: as relações entre experiência religiosa e experiência psíquica. Noll simplesmente passa ao largo e afirma que as posições de Jung sobre esse problema são um embuste, uma tentativa de doutrinar mentes sedentas por um credo. Vejamos apenas uma dentre tantas inferências tendenciosas do autor:

*Quando Jung dizia que "expedientes artificiais sempre se mostraram necessários para ativar as forças curativas do inconsciente, e foram principalmente as religiões que desempenharam esse papel", ele estava reconhecendo que usurpara a autoridade das grandes religiões para curar os espiritualmente falidos e que era legítima a dispensação desses sacramentos por cultos como o seu.*<sup>10</sup>

Deixemos o próprio Jung se defender na esfera pública de sua obra:

*Certos médicos, ao retomarem as representações míticas de alguma religião, agem com senso histórico. Mas só podem fazer isso com os pacientes em que permanecem vivos os remanescentes contidos nas religiões. Qualquer terapia racional é indicada para esses pacientes, até o momento em que fica indispensável introduzir as idéias míticas. Quando trato de católicos praticantes, sempre recomendo a confissão e os sacramentos da Igreja. No caso de fiéis protestantes, que não contam com a confissão e a absolvição, o problema é mais difícil. Contudo, o Movimento de Oxford é uma válvula que se abriu ao*

protestantismo moderno. Esse movimento oferece em substituição a confissão pública, e em vez da absolvição, a vivência comunitária. Vários dos meus pacientes, com pleno consentimento meu, aderiram a esse movimento, enquanto que outros se tornaram católicos, ou, pelo menos, melhores católicos do que antes. Em todos estes casos dispensei o método dialético, porque não vejo razão alguma em fomentar uma evolução individual acima das necessidades do paciente. Se ele encontra o sentido de sua vida e a cura de sua inquietação e desarmonia dentro do quadro de uma das formas de confissões existentes - inclusive um credo político, - então o terapeuta deve aceitá-lo. Afinal, a preocupação do médico deve ser o doente e não o curado.<sup>11</sup>

Convenhamos: não parece a posição de alguém que usurpa a autoridade das grandes religiões, cujo inimigo principal era a ortodoxia cristã e em especial a Igreja Católica... Mas, e quanto aos "espiritualmente falidos"? Estaria Jung dispensando sacramentos? Mais uma vez deixemo-lo responder por si:

*Mas existem inúmeros pacientes sem convicção alguma, ou com convicções inortodoxas. Em princípio, tais clientes não se deixam converter a crença alguma. Ficam emperrados, qualquer que seja a terapia racional a que se submetam, apesar de sua doença como tal ser curável. Nestes casos a única solução é provocar a evolução dialética do material mítico que está vivo dentro do próprio doente, independentemente de qualquer tradição histórica. Aí é que nos deparamos com os sonhos mitológicos e suas séries de imagens características.<sup>12</sup>*

É evidente que Jung não propunha uma panacéia universalmente aplicável, nem tampouco atacava de fora para dentro os "espiritualmente falidos" com uma doutrina esotérica pré-fabricada, justamente porque eles "não se deixam converter a crença alguma". "Nestes casos", e somente neles, era preciso fazer com que o material mítico interno vivo (e obstruído) dentro do próprio paciente emergisse. Jung, como se vê, estava bastante consciente dos aspectos religiosos do processo de individuação (mesmo quando tais aspectos aparecem "camuflados" - para usarmos um conceito eliadiano - em um credo político ou na adesão entusiasmada a uma doutrina científica). Para ele a religiosidade era um impulso psíquico natural no homem (questão decisiva que Noll não enfrenta em seu livro, comprometendo a validade de sua tese). O bloqueio de tal impulso implicaria em neurose ou sofrimento psíquico. A cura nesses casos consistiria em superar tal bloqueio. Em circunstâncias mais favoráveis a expressão religiosa encontra seu canal em uma das formas tradicionais de confissão, "inclusive um credo político" (extrema tolerância para um "heresiarca" fanático...). Em circunstâncias desfavoráveis torna-se necessário "provocar a evolução dialética do material mítico que está vivo dentro do próprio doente". Em outros termos: a psicoterapia para Jung não oferece uma doutrina, mas sim a experiência subjetiva

do próprio indivíduo. O postulado aqui são as forças curativas profundas do inconsciente coletivo, de índole mitológica.

Porém Richard Noll pretende ter refutado a hipótese do inconsciente coletivo e dos arquétipos e com isso posto a pique o esteio central da psicologia analítica. Em resumo a sua argumentação concentra-se na provável "contaminação" das "amostras" que forneceram as "provas" a Jung da existência de um tal estrato coletivo e universal da psique humana. O exemplo privilegiado escolhido por Noll é o famoso caso do homem do falo solar, repetidamente apresentado por Jung e seguidores como ilustração e resposta à pergunta: o que é um arquétipo? Noll mostra como, contrariamente ao que Jung e seus discípulos afirmam, era possível e provável que o paciente, interno do Hospital Psiquiátrico Burghölzli, tivesse sido exposto previamente ao material mitológico que se reproduziu em seu delírio/alucinação. Dessa forma a ressurgência desse material no paciente em questão não seria um fenômeno resultante da ativação de arquétipos, mas sim um tipo de criptomnésia patológica. A seguir Noll comprova como a manipulação desse exemplo famoso por Jung denota falta de ética. Com isso ele dá por demonstrada a falácia do inconsciente coletivo.

Nada a objetar contra a suspeita plausível de Noll com relação aos antecedentes do homem do falo solar, nem contra a bem documentada afirmação a respeito das fraquezas humanas de Jung. Porém sua conclusão é precipitada e a base de sua refutação da hipótese do inconsciente coletivo é insuficiente. Mesmo na hipótese de o homem do falo solar *não* ter sido exposto previamente ao material mitológico que poderia ter fornecido o conteúdo material de seu delírio/alucinação, ou seja, mesmo que se tratasse de uma produção espontânea de sua psique, o exemplo - tão caro a Jung - seria mais uma curiosidade bizarra e espantosa do que uma boa confirmação da plausibilidade da hipótese do inconsciente coletivo. Deixemos o próprio Jung apontar a limitação de seu exemplo:

*O termo "arquétipo" é muitas vezes mal compreendido, julgando-se que expressa certas imagens ou motivos mitológicos definidos. Mas estes nada mais são que representações conscientes: seria absurdo que representações tão variadas pudessem ser transmitidas hereditariamente.*

*O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo - representações que podem ter inúmeras variações de detalhes - sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo.<sup>13</sup>*

Ora, o bombástico exemplo do homem do falo solar é fraco por acentuar a coincidência de duas representações ou motivos mitológi-

cos definidos (a de seu delírio e a do simbolismo definido do mitraísmo) e, pela força de sua estranheza, suscita o mal entendido mencionado por Jung, já que a representação tende a ser identificada ao arquétipo. Para chegar à hipótese desse arquétipo o melhor caminho é o usado por Jung em *Metamorfoses e símbolos da libido*: a comparação de representações diferentes que se aparentam pela vinculação ao motivo do sol/masculinidade/força criativa. Esse motivo pode ser encontrado à farta em várias tradições simbólicas, bem como nas fantasias e sonhos triviais de indivíduos modernos. Certamente a coincidência, supostamente espontânea, da representação delirante do homem do falo solar com o simbolismo mitraico é bastante "sensacional", e talvez por isso foi explorada repetitivamente por Jung e os junguianos. Como artifício de persuasão retórica é bastante conveniente. Como exemplo da concepção de arquétipo em Jung deixa a desejar. Caso o homem do falo solar jamais tivesse existido a hipótese do inconsciente coletivo não perderia em nada de sua validade. Noll não percebe isto e faz depender desse "caso" todo o edifício teórico de Jung. Por isso acredita ter refutado Jung ao levantar suspeitas sobre a validade da "prova" do inconsciente coletivo.

O outro braço da refutação de Noll consiste em afirmar que "o processo de individuação que se oferecia aos discípulos (e, por meio deles, ao mundo) era simplesmente o modelo da experiência pessoal de Jung"<sup>14</sup>, e se reduziria a "uma seqüência de experiências psicológicas, coisa pela qual, sabemos hoje, o próprio Jung passou e *depois* apresentou aos discípulos como um padrão universal que deveria ser emulado por eles"<sup>15</sup>. Noll prefere não encarar a experiência pessoal de Jung como uma forma particular de um padrão universal, pois se atém exclusivamente a ela e, sintomaticamente, não discute a existência ou não de um padrão universal nas sagas mitológicas do herói, que Jung formulara, *anteriormente a sua experiência pessoal, em Metamorfoses e símbolos da libido*, e que constitui a base para a posterior teorização a respeito do processo de individuação. Assim Noll simplesmente impugna a transposição de uma fenomenologia da transformação psíquica para o conceito de processo de individuação, sem se dar ao trabalho de refletir sobre as confirmações que a História das Religiões e a mitologia comparada trazem a tal conceito<sup>16</sup>. Violentando flagrantemente a compreensão que Jung tem do *processo* de individuação, um processo infinitamente variado e interminável (apesar de obedecer a certos padrões que permitem reconhecê-lo como tal), Noll usa o particípio *individuado* para se referir ironicamente ao "profeta" e seus seguidores.

Pelo exposto vê-se que o autor apresenta as idéias de Jung com um enfoque tendencioso, segundo uma luz que é decididamente negativa

(e não apenas crítica, no melhor sentido da palavra). Uma interrogação nasce assim no espírito do leitor imparcial: de onde vem a mal disfarçada prevenção de Noll com respeito às posições de Jung no tocante à religiosidade da experiência psíquica, posições descartadas como embustes ou mistificações de um "hierofante heresiarca" empenhado em manipular em proveito próprio o carisma que reconhece em si mesmo ao "virar" profeta?

A resposta pode ser desentranhada em certos desvãos de *O culto de Jung*, em especial nos capítulos finais. Assim, ao afirmar que "as teorias de Jung simplesmente não se encaixam no corpus mais amplo das teorias científicas do século XX que abordam a questão [da influência genética sobre a hereditariedade]", Noll conclui: "isso, mais do que qualquer outra coisa, privou Jung de qualquer oportunidade de *imortalizar-se* através das instituições médicas, científicas e acadêmicas de sua época"<sup>17</sup>. Mais adiante a mesma idéia subjacente repete-se quando Noll tenta compreender em Jung "uma popularidade que perdura mesmo na ausência de qualquer processo de *imortalização* institucional que tenha sido levado a efeito por membros das comunidades científicas ou acadêmicas estabelecidas"<sup>18</sup>. A idéia de "imortalidade" conjugada a "instituições científicas estabelecidas" remete-nos diretamente ao aspecto religioso do positivismo de Auguste Comte - justamente o aspecto mais contestado de tal doutrina, inclusive pelos próprios positivistas. Assim o iconoclasmo de Noll pode ser lido como o combate entre um credo religioso e um concorrente inadmissível. Lembremos: Noll é professor de História da Ciência em Harvard e associado ao famoso Massachusetts Institute of Technology (M.I.T.). Seus pressupostos positivistas vêm à tona ao longo do livro, e em especial no capítulo 12, onde da teoria arquetípica de Jung se diz que "parece ter sido apenas uma reinterpretação transcendental (e, portanto, *não-científica ou mística*) da teoria dos complexos, que ao menos tinha base na *ciência quantitativa da época, uma base fornecida pelos testes de associação de palavras*"<sup>19</sup>.

Como fica evidente, Noll se alinha com a tradição cientificista positivista moderna, que recusa o estatuto de saber válido a qualquer discurso que não aquele que se conforme com os cânones de uma certa cientificidade (a das ciências naturais). Em virtude desse preconceito monolítico não problematizado, Noll homologa grosseiramente ocultismo, filosofia nietzschiana, filosofia romântica da natureza, idealismo alemão e psicologia analítica. O juízo de condenação positivista transparece na seguinte passagem:

*Se a psicologia analítica fosse mesmo uma ciência (coisa que Jung iria afirmar pelo resto da vida), então ela só o seria na acepção que a palavra ciência tinha por volta de 1830. Além disso, depois de 1916 a teoria psicológica de Jung se inseriu diretamente na tradição da*

*Naturphilosophie* especulativa ou metafísica, compartilhando com ela noções fundamentais como *Einheit* (unidade), *Stufenfolge* (sucessão de estágios de desenvolvimento gradual), *Polarität* (polaridade, ou interação de forças vitais opostas), *Metamorphose* (metamorfozes), *Urtyp* (arquétipo) e *Analogie* (analogia). A psicologia de Jung é uma regressão ou degeneração para a filosofia natural oitocentista.<sup>20</sup>

Perceba-se a confusão indiscriminada: a teoria psicológica de Jung se insere na tradição da *Naturphilosophie* especulativa ou metafísica, é não científica "ou" mística, é uma doutrina carismática de molde espírita, é um "nietzchianismo pseudolibertário", um "utopismo *völkisch*". Somente a adoção de uma posição positivista grosseira permite abarcar elementos tão díspares segundo um questionável critério unificador: a "não-cientificidade".<sup>21</sup>

Compreendemos assim por que Noll recusa a discussão de certos temas decisivos para a validade de sua tese, bem como porque omite o critério essencial estabelecido por Jung para a compreensão de sua experiência e de sua psicologia (o caráter simbólico-metafórico das imagens do inconsciente): seus pressupostos positivistas são incompatíveis com tais temas e critério. Expressemos de outra forma: o pensamento de Jung é eminentemente *dialético*<sup>22</sup>. Mais uma vez, há uma incompatibilidade radical entre uma perspectiva positivista e uma dialética, e a leitura de um pensamento dialético em chave positivista só pode levar a equívocos. Lamentemos, por fim, esse vício que contamina a compreensão de Noll e que empana os méritos inegáveis de seu trabalho.

## **Notas:**

1. HILLMAN, J. *Entre Vistas*. São Paulo: Summus Editorial, 1989, p. 42-43.
2. *ibid.*, p. 45.
3. Cf. *ibid.*, p. 108-109.
4. Cf. NOLL, R. *O culto de Jung*. São Paulo: Ática, 1996, p. 396 nota
5. Cf. *ibid.*, prefácio à edição brasileira, p. XI.
6. Citado em *ibid.*, p. 315.
7. Cf. *ibid.*, p. 282 e p. 396 nota 5.
8. *ibid.*, p. IX-X.
9. Significativamente, somente em uma passagem de sua interpretação Noll usa a palavra "simbolicamente" (vide o capítulo 12), e mesmo assim, tam-

bém significativamente, entre parênteses... Quer dizer: Noll "põe entre parênteses" o fundamental da psicologia analítica.

10. *ibid.*, p. 310-311.

11. JUNG, C.G. *A prática da psicoterapia (O.C.XVI/II)*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 14 (par. 21) - grifos nossos.

12. *id. ibid.*, grifos nossos.

13. JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 67.

14. *loc. cit.*, p. 282.

15. *ibid.*, p. 279 - grifo nosso.

16. Cf. por exemplo a obra de Mircea Eliade e Joseph Campbell - conhecidas por Noll

17. *loc. cit.*, p. 298 - grifo nosso.

18. *ibid.*, p. 302 - grifo nosso.

19. *ibid.*, p. 297 - grifos nossos.

20. *ibid.*, p. 298/299.

21. É igualmente revelador do culto positivista de Noll seu artigo "O Cristo ariano" publicado no Jornal do Brasil em resposta a uma "defesa de Jung" publicada previamente no mesmo jornal por um junguiano zeloso. Após apresentar a experiência de Jung conforme seu enfoque literalista, ele pergunta em tom de indignação: "Isso parece ciência?" Ora, Noll sabe muito bem que o próprio Jung, como é dito em sua autobiografia, não considerava sua experiência como ciência - afinal, enquanto médico e psiquiatra ele sabia perfeitamente o que era ciência. Mas isso não impede que ele pudesse ter compreendido tal experiência - e outras, bem como os mais diversos tipos de material mitológico - com um enfoque genuinamente psicológico e hermenêutico. Jung - e Noll minimiza e praticamente omite tal fato - era leitor atento de Kant, e a influência do criticismo kantiano transparece em seus escritos psicológicos. Porém é mais fácil fechar convenientemente os olhos e criar um teósofo literalista que "mentiu - conscientemente - no que toca às suas evidências sobre arquétipos e sobre o inconsciente coletivo", conspurcando o santuário freqüentado por Noll. Além disso consegue-se, com tal expediente, transformar uma pesquisa acadêmica com contribuições relevantes num lucrativo *bestseller* sensacionalista.

22. Leia-se, por exemplo, a introdução a *Psicologia e Alquimia* (publicado pela Editora Vozes) para se comprovar o caráter dialético mencionado.

Endereço do autor:  
Rua Nunes Vieira, 56 apt. 101  
30.350-120 - Belo Horizonte - M.G.